

**Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes  
(1960 –2000)**

Ficha Técnica:

Entrevistada: Zoica Bakirtzief

Entrevistadoras: Laurinda Rosa Maciel e Maria leide W. de Oliveira

Transcrição: Angélica Estanek Lourenço

Conferência de Fidelidade: 1ª Monique de Jesus Assunção

2ª

Sumário: Angélica Estanek Lourenço

Revisão de Sumário: Monique de Jesus Assunção

Data da entrevista: 13 de Maio de 2005

Local: Rio de Janeiro – RJ

Entrevista única

Fitas gravadas: 3 fitas

**Sumário Zoica Bakirtzief**

**Fita 1 - Lado A:**

**Seu nascimento e infância em Porto Alegre, Rio Grande do Sul; considerações sobre a irmã e os pais; comentários sobre a imigração de seu pai, vindo para o Brasil da Iugoslávia; as atividades no movimento estudantil desde o Ensino Fundamental até a graduação; o Segundo Grau na área técnica de laboratorista de Análise clínica e seu interesse pelas Ciências Médicas; a ida do pai para Nova Jersey, no Estados Unidos em 1968, com intuito de, posteriormente, levar a família; o retorno do pai ao Brasil em 1975 e os conflitos com ele; a opção de ir para os Estados Unidos, durante a adolescência e o vestibular para a Faculdade de Administração, em ??.**

**Final da fita sem gravação**

**Fita 1 - Lado B:**

Sobre o período em que trabalhou no hotel da família na Macedônia; relato de algumas atividades profissionais não vinculadas com a área médica; a graduação em Psicologia e Sociologia, na *Rutgers University of New Jersey*, nos Estados Unidos, em 1985 e suas atividades nos movimentos estudantis; o primeiro contato com a *American Leprosy Mission* (ALM) e com a hanseníase, **por volta de ??**; o retorno ao Brasil em 1985, após seu casamento; o trabalho como psicóloga no Colégio Batista, em São Paulo, **em ??**; o trabalho como coordenadora técnica do projeto social para pessoas com deficiência e hanseníase da Sociedade para a Reabilitação e Reintegração do Incapacitado (SORRI), em São Paulo, em 1989; algumas dificuldades com os pacientes e com o Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela hanseníase (MORHAN); relato sobre a atuação de uma determinada paciente de hanseníase e outros planos de trabalho em hanseníase, **como ??**.

#### **Fita 2 – Lado A:**

Sobre o projeto “Barreiras psicossociais para aderência ao tratamento da hanseníase” realizado com apoio da ONG “Palavra e Ação”, entre 1994 e 1995; o *International Leprosy Congress* realizado em Orlando/USA, em 1992; seu depoimento sobre a fundação da *International Association For Dignity And Economic Advancement* (IDEA), em 1995 com inserções de Maria Leide W. de Oliveira; a estrutura da associação e as dificuldades encontradas; as circunstâncias da fundação da SORRI, em Sorocaba, com suas novas propostas e atuação; suas considerações sobre a dissertação de mestrado em Psicologia Social “Águas passadas que movem moinhos”, defendida em 1994, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em São Paulo, que trata do estigma da doença.

#### **Fita 2 - Lado B:**

Algumas críticas ao MORHAN nacional e a atuação deste movimento em Sorocaba; a tese de doutorado “Conhecimento científico e controle social: a institucionalização do campo da hanseníase (1897-2000)”, defendida em 2001, pela PUC/SP, na área de Psicologia Social e as observações de Maria Leide W. de Oliveira sobre este trabalho; o trabalho em parceria com a ALM, em 2001 e a atuação como coordenadora nacional da ALM; relato sobre o

contágio sofrido pela hanseníase; a confirmação pelo diagnóstico e as reações apresentadas pela depoente à sulfona.

**Fita 3 – Lado A:**

Continuação do relato sobre sua doença, o medo da transmissão, o uso e reações aos medicamentos; a possibilidade de estudos sobre os aspectos emocionais relacionados às reações da hanseníase; discussão sobre a identidade de ser hanseniano; outros comentários sobre os medicamentos; sobre o estigma e preconceito que envolvem a hanseníase.

**Fita 3 - Lado B:**

Outras considerações sobre o temor de transmissão, seu relato como paciente de hanseníase, desde 2001, e a proximidade com os outros doentes; os problemas enfrentados pelas ONGs diante dos governos municipais e estaduais; sobre as orientações de pós-graduação; a atuação da ALM em alguns países na África; discussão sobre a afirmação de alguns governos de que as ONGs controlam os programas de hanseníase no Brasil; a participação em congressos e comentários sobre planos para futuros projetos sobre o estigma da doença.